

A CONTEMPLAÇÃO E O BEM AGIR NO *PROTRÉPTICO* DE ARISTÓTELES E EM COMTE-SPONVILLE

Maria Isabel Gonçalves de Souza Nogueira da Silva¹

A filosofia, desde seus primórdios, preocupou-se com as causas primeiras, com a origem do *cosmos*, a *pyshis* e *arché* de todas as coisas que são. A pergunta seguinte, na ordem lógica, é: o que é o ser? E, a seguir: qual o fim das coisas que são? As três perguntas estão conectadas, e manifestam-se excelentemente na obra de Aristóteles.

Dentre as coisas que são, uma das preocupações primordiais é o que é o homem, e qual o seu fim. À pergunta “o que é o homem”, corresponde “qual a *natureza* do homem”. À pergunta “qual o seu fim”, corresponde “a que tende para que sua natureza se aperfeiçoe até a excelência”. Em diversas obras Aristóteles se dedicou a essas questões², e em uma obra de juventude, o *Protréptico*, ou *Exortação à Filosofia*, aparecem sobretudo os conceitos-chave de sabedoria, contemplação e excelência da natureza humana.

Neste artigo, intentamos expor a relação entre contemplação e bem agir, presente na obra citada, e compará-la com os mesmos conceitos presentes na obra *Pequeno tratado das grandes virtudes*, de André Comte-Sponville. Tal comparação, como se verá, terá por eixo os conceitos de sabedoria (correspondente à contemplação) e prudência (correspondente ao bem agir).

SABEDORIA, CONTEMPLAÇÃO E BEM AGIR NO *PROTRÉPTICO*

¹ Graduanda em Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

² Podemos citar, por exemplo, a *Metafísica*, a *Ética a Nicômaco* e a *Política*. Na *Metafísica*, o filósofo diz que por natureza, todos os homens tendem ao saber (980 a). Na *Política*, temos que o homem é um animal racional, que possui o *logos* (1253 a 7-9). Na *Ética a Nicômaco*, discute o fim do homem e sua felicidade (1098 b – 1110 b).

O *Protréptico* de Aristóteles é uma obra composta por fragmentos reunidos, e tem por interlocutor Themison, um rei de uma cidade de Chipre. Aristóteles pretende convencê-lo de que filosofar é a atividade mais nobre, a qual ele deveria se dedicar. O estagirita argumenta, por exemplo, que Themison tem meios para filosofar, pois é rico, podendo usar seu tempo para isso, e goza de certa reputação. A riqueza, porém, apenas condiciona para a atividade filosófica, mas não consiste em um fim em si mesma, uma vez que “a felicidade não consiste em adquirir muitas coisas, mas sim na maneira pela qual a alma é disposta”³. Assim, mais do que enriquecer, o homem deve buscar bem dispor sua alma, e nisso consiste a vida feliz. Aos “mal dispostos” nas coisas da alma, nem riqueza, nem força, nem beleza são bens; antes, são nocivos ao que não as possui sem sabedoria⁴. Para bem dispor a alma, portanto, é preciso buscar a sabedoria, é preciso filosofar.

Dentre todas as ciências, há as que produzem as comodidades da vida, e as que as usam; há as que servem e as que prescrevem. Estas últimas são mais excelentes, e mais aptas a dirigir as outras, pois nelas está o que é soberanamente bom. Nelas está a filosofia, “que usa a razão e que contempla o bem em sua totalidade”⁵; só ela tem retidão no julgamento e sabedoria prescritiva infalível.

A filosofia, portanto, é uma atividade racional que tende para a contemplação do bem em si. Contemplando o bem em si, retifica o julgamento e prescreve as ações sabiamente. Nisto consiste a virtude. A virtude, para ele, é a realização da natureza própria de uma coisa: é sua excelência, seu aperfeiçoamento⁶. É o que se nota na discussão sobre a causa final de todas as coisas engendradas, em especial do homem: vê-se que todas as coisas tendem a um fim segundo sua natureza.

O fim de algo é determinado pelo que é superior em sua natureza. No homem, sabemos que a alma é superior ao corpo, e este está a serviço desta. Na alma, a parte racional é superior à parte irracional, e naquela, a *inteligência* é a potência superior. Logo,

³ ARISTÓTELES, 2001, p. 149.

⁴ O objeto da sabedoria, no livro I da *Metafísica*, são “as causas maximamente universais e primeiras; ela especula sobre os primeiros princípios e as primeiras causas”.

⁵ *Ibid.*, p. 151.

⁶ Aqui, Aristóteles parece aproximar-se da tradição platônica. Para Platão, a virtude (*areté*) de algo é sua máxima excelência, por isso, pode-se falar em uma virtude da faca, do cavalo, do artesão, etc.

tudo no homem existe com vistas à inteligência. É “com vistas à intelecção e à inteligência que toda coisa é digna de ser escolhida pelos homens”⁷.

Entre os pensamentos, os que são dignos de ser escolhidos por si mesmos são chamados livres. E o que é digno de ser escolhido por si mesmo é superior com relação aos outros. Os mais honrosos e superiores, com relação aos que são apenas úteis, são os pensamentos de *contemplação*. Assim, pode-se dizer que o fim do homem é a contemplação, é a sabedoria.

Nisso concordam Pitágoras e Anaxágoras: para estes, o fim do homem é *contemplar* o céu e o que ele contém, ou ainda, *conhecer e contemplar*. A sabedoria é a realização da natureza humana. De todas as coisas que se pode exercer, a sabedoria é a mais elevada.

Contemplar a sabedoria, isto é, filosofar, é um bem em si mesmo, e é o maior bem. Todas as coisas no homem tendem a isso, inclusive seu agir. Aristóteles afirma que a sabedoria, ainda que seja boa em si mesma, e por si mesma, tem utilidade e é vantajosa, na medida em que ordenar o agir do homem. É o que vemos em:

Todos nós, realmente, admitimos que deve governar o mais sério e o melhor por natureza, e que a só a lei deve ser governante e soberana. Ocorre que ela é uma certa sabedoria, ou seja, um raciocínio proveniente da sabedoria.⁸

O que governa deve ser o melhor por natureza, o que tem a alma mais bem-disposta, ou, ainda, o que mais se aproxima da sabedoria. A própria lei, pela qual todos os homens são regidos, inclusive o governante, é “uma certa sabedoria”. O homem é, portanto, governado pela sabedoria, pois esta apresenta-lhe os fins aos quais devem estar orientados os meios.

Conhecer a sabedoria e contemplar são coisas em si dignas de ser escolhidas pelos homens, mas também é útil para a vida. Aqui vislumbramos a discussão a respeito de causas auxiliares (ou contingentes) e causas necessárias. Convém escolher a filosofia não por suas vantagens, mas porque é bom em si. No entanto, ela encerra em si vantagens, porque é causa necessária de outras ciências, isto é, “engendra” outras causas auxiliares.

⁷ *Ibid.*, p. 156.

⁸ *Ibid.*, p. 159.

Dentre essas vantagens, como já vimos, está o bem agir, sobretudo do homem político: “O homem político deve ter certos critérios tirados da própria natureza e da verdade, segundo os quais ele julga o que é belo, o que é lucrativo...”⁹. O homem que pratica a filosofia imita o que é belo para bem agir; nele, as leis são estáveis e as atividades retas e belas, pois tem os olhos fixos nas realidades eternas.

O conhecimento e a contemplação são causas do bem agir, pois “tudo o que é bom e vantajoso para a vida humana está no uso e na ação e não apenas no conhecimento”¹⁰, e, mais ainda, impelem à ação, pois “não levamos uma vida boa conhecendo alguns seres, mas agindo bem”¹¹.

A vida boa, a vida da alma bem disposta, isto é, a vida feliz, é a vida daquele que contempla a sabedoria e age conforme a ela; é, portanto, a vida *virtuosa*: “A sabedoria é uma parte da virtude e da felicidade; pois afirmamos que a felicidade vem dela ou se confunde com ela”¹². Os que escolhem a vida em conformidade com essa ordenação, gozam de máximo prazer. Assim, para Aristóteles, é claro que “só aos filósofos caberá o gozo de uma vida feliz”¹³.

A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA EM COMTE-SPONVILLE

Em Aristóteles, vimos a relação causal entre natureza humana, sabedoria e bem agir. Muitos autores identificam a sabedoria para o bem agir com a virtude da *prudência* (em grego, *phrônêsis*). Um dos autores que o faz é o filósofo Comte-Sponville, em sua obra *Pequeno tratado das grandes virtudes*, do qual vamos tratar a seguir.

Para Comte-Sponville, se a virtude pode ser ensinada, é mais pelo exemplo que pelos livros. O propósito de seu *Tratado*, portanto, é compreender como se deve viver, o que se deve fazer, e “medir, pelo menos intelectualmente”¹⁴, o caminho para isto. O bem, para o autor, só existe na “pluralidade irreduzível das boas ações”, isto é, nas virtudes (*areté*).

⁹ *Ibid.*, p. 163.

¹⁰ ARISTÓTELES, 2001, p. 164.

¹¹ *Idem.*

¹² *Ibid.*, p. 168.

¹³ *Ibid.*, p. 175.

¹⁴ COMTE-SPONVILLE, 1995, p. 7.

Virtude, para Comte-Sponville, é “uma força que age, ou que pode agir”¹⁵, é uma excelência conforme a natureza. A palavra latina *virtus*, usada como virtude, designa poder, potência. Pode-se dizer que a virtude das coisas é seu próprio poder, independente de seu fim. No homem, no entanto, não é possível separar o fim (moral) da potência:

A virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade.¹⁶

Comte-Sponville afirma que a virtude é a união do aspecto biológico (humanidade) com a exigência cultural (humanização), é a capacidade de agir bem. Concordando com Aristóteles, diz que a virtude é uma disposição adquirida de fazer o bem, mas não apenas isso: é também o próprio bem, em espírito e verdade. “O bem não é para se contemplar, é para se fazer”¹⁷.

Vemos aqui um ponto de encontro entre os textos analisados. A contemplação do bem leva a agir bem. No entanto, para Aristóteles, o bem é o fim em si mesmo, e a ação que a ele tende é chamada uma ação virtuosa. A virtude é adquirida na medida em que se age tendo em vista o bem. Para Comte-Sponville, por outro lado, a virtude é o próprio bem: o agente age tendo em vista a virtude, que é identificada com o bem. Para o estagirita, o agente age tendo em vista o bem, e se torna virtuoso por fazê-lo.

Para melhor comparar, as duas concepções de bem agir, tomemos a virtude da prudência. A prudência é, para Aristóteles, uma virtude intelectual, como nota Comte-Sponville:

a prudência é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem (não em si, mas no mundo tal como é, não em geral, mas em determinada situação) e agir em consequência, como convier.¹⁸

É a prudência a virtude cardeal que condiciona e rege todas as outras virtudes. Ela delibera sobre o bem, e determina os meios para alcançá-lo. Refere-se diretamente, portanto, à contemplação da sabedoria, do que é bom em si mesmo, bem como à ação, conferindo-lhe valor moral conforme os fins. Ou seja, uma ação prudente visa unicamente

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ *Ibid.*, p. 8.

¹⁷ *Ibid.*, p. 9.

¹⁸ *Ibid.*, p. 38.

o bem (o maior bem dentre os que são considerados) e emprega bons meios para agir conforme a ele. Se não se age conforme o bem deliberado, a ação tem valor moral de mal.

A deliberação implica em uma ação. Nenhuma ação e nenhuma virtude poderia prescindir dela, afirma Comte-Sponville, pois é como “uma sabedoria prática, sabedoria da ação, para a ação, na ação”¹⁹. No entanto, não faz as vezes da sabedoria, isto é, não se identifica totalmente com ela. Não bastaria agir bem para viver bem, ou ser virtuoso para ser feliz:

Aristóteles tem razão, aqui, contra quase todos os antigos: a virtude não basta mais à felicidade do que a felicidade à virtude. A prudência é, porém, necessária a uma e à outra, e a própria sabedoria não poderia prescindir dela. Sabedoria sem prudência seria sabedoria louca, e não seria sabedoria.²⁰

A prudência seria necessária à felicidade e à virtude (vida virtuosa), ainda que não seja o bastante para ter uma vida feliz. É preciso agir bem para ser virtuoso; para ser virtuoso, é preciso ter prudência. Tendo em vista que, como foi visto, para este autor, a virtude é o bem em si mesmo, fica mais do que claro que a prudência estaria acima da sabedoria (“sabedoria sem prudência (...) não seria sabedoria”). Para ele, a prudência orienta a sabedoria, porque nela está encerrado o bem, ao qual tende a própria sabedoria.

Aqui vemos mais um ponto de divergência entre os dois textos analisados: para Aristóteles, a prudência seria “engendrada” pela sabedoria (que é a causa necessária). A sabedoria apresenta o bem para a razão humana, e esta delibera a respeito dos bons meios a serem empregados para atingir seu fim.

Na ordem das causas, como vemos no *Protréptico*, dificilmente se poderia dizer que o bem esteja encerrado na virtude mesma; esta condiciona e aperfeiçoa a natureza humana (como um *acidente* de qualidade, segundo as Dez Categorias) na medida em que se orienta para o bem. A prudência sem sabedoria, poderíamos dizer, seria uma “prudência louca”, pois não estaria orientada para o bem; não poderia nem ao menos ser chamada virtude, em sentido aristotélico.

¹⁹ *Ibid.*, p. 39.

²⁰ *Ibid.*, p. 40.

Ainda que se possa encontrar pontos de contato entre ambas as teses, vemos que os princípios e pressupostos divergem em aspectos essenciais. Aristóteles parte do pressuposto de que há um bem supremo ao qual tende a natureza humana como sua causa final; este bem é dado pelo que é superior em sua natureza, isto é, a inteligência na parte racional da alma. A inteligência busca a contemplação, a sabedoria. Essa sabedoria leva a bem agir, e, portanto, à vida feliz.

Para Comte-Sponville, a virtude é o que o faz verdadeiramente humano, bem como para Aristóteles. Porém, encerra em si mesma o bem, que, mais do que ser contemplado, deve levar a agir. As boas ações são orientadas por uma sabedoria prática, a prudência, que pondera a respeito do bem e age em consequência. Essa prudência seria a retificação da sabedoria mesma: sem a prudência, a sabedoria não seria reta, mas “louca”.

Destacados estes aspectos dos dois textos, podemos ver que o agir humano, orientado para o bem, exige uma deliberação a respeito de seu fim, e que a escolha desse fim lhe confere o predicativo de virtuoso, se orientado para o bem, e não-virtuoso, se não orientado para o bem. Para tanto, é preciso conhecer o bem.

Bibliografia

ARISTÓTELES. **Da geração e da corrupção seguido de Convite à filosofia**. Trad.: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2001.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



Revista Pandora Brasil